

Vol XVI, Núm 1, jan-jun, 2023, pág. 323-336.

A SOCIEDADE NA LITERATURA: ANTONIO CANDIDO E A CRÍTICA ESTÉTICA DA ARTE

José Valtemir Ferreira da Silva

Resumo

O presente texto tem como propósito refletir sobre o cotejo entre literatura e sociedade, mormente sobre o caminho analítico apresentado pelo crítico brasileiro Antonio Candido, sendo: o processo de redução estrutural dos dados da realidade social. Ao atravessar sua obra ao longo de décadas de reflexões, esse caminho explicita uma importante contribuição do autor para a crítica literária e tem peculiar aplicabilidade em obras literárias de forte condicionamento social. Assim, ao partir dessa questão, o texto apresenta um conjunto de reflexões que coadunam com a sua pertinência para os estudos relativos à literatura e sociedade. Para a consecução foi feita uma pesquisa bibliográfica, principalmente com a aquisição e leitura de publicações de Antonio Candido (*Literatura e Sociedade*/2014, *Dialética da malandragem* /1970, *De cortiço a cortiço*/1991), bem como de outros textos e postulações que corroboram com o objetivo, tais como Candido (2002) e Wellek e Warren (2003). Observou-se nessa abordagem, que ao se afastar de uma dicotomia entre literário e os dados da realidade sócio-histórica, e compreender o processo de redução estrutural, pode-se fazer e conceber uma crítica estética da obra.

Palavras-chave: Literatura. Sociedade. Crítica.

Abstract

The purpose of this paper is to reflect on the collision between literature and society, especially on the analytical path presented by the Brazilian critic Antonio Candido, namely: the process of structural reduction of the data from social reality. By crossing his work throughout decades of reflections, this path makes explicit an important contribution of the author to literary criticism and has peculiar applicability in literary works of strong social conditioning. Thus, starting from this question, the text presents a set of reflections that are consistent with its relevance for studies concerning literature and society. To achieve this, a bibliographical research was carried out, mainly with the acquisition and reading of publications by Antonio Candido (*Literatura e Sociedade*/2014, *Dialética da malandragem* /1970, *De cortiço a cortiço*/1991), as well as other texts and postulations that corroborate with the objective, such as Candido (2002) and Wellek and Warren (2003). It was observed in this approach, that by moving away from a dichotomy between literary and the data of socio-historical reality, and understanding the process of structural reduction, one can make and conceive an aesthetic criticism of the work.

Keywords: Literature. Society. Critical.

1 ASPECTOS INTRODUTÓRIOS

Ao se remeter a pesquisa em literatura, sobretudo quando se tem em um lado obras a possibilidade de cotejo com temas envoltos em demandas e ambientação social, uma questão desperta atenção, sendo: o risco da simples associação com um determinado evento ou uma dada circunstância social ou, na outra direção, o entendimento de uma suposta autonomia do literário, que levaria a um desprezo a sua condição de objeto social. Não obstante os estudos que se voltam para essa reflexão e vem ao longo dos anos solidificando caminhos para as discussões entre literatura e sociedade, propõe-se nesse texto oportunizar uma reflexão, que perpassa justamente sob essa compreensão dos aspectos sociais (históricos) no contexto literário.

Ao se remeter ao cotejamento dos estudos entre literatura e sociedade/realidade/prova documental, Tânia Carvalhal (1991), por exemplo, entende que as produções literárias devem ser devidamente interrogadas e problematizadas nas suas pertinentes interações com outros textos e formas de expressão, pois, não obstante serem os objetos centrais na análise literária, não correspondem a sistemas fechados, mas, sobretudo, interativos. Nesse sentido, mais que semelhanças e analogias entre texto e contexto, deve-se buscar, na análise literária, o entendimento de questões específicas que envolvem, sobretudo, o diálogo entre literatura e aspectos históricos-sociais.

Para além de apresentar certos vestígios sociais, a literatura é “uma arte social material”, conforme enfatiza Raymond Willians (1979). Para esse pesquisador, crítico e historiador galês do século XX “A literatura é sempre, de alguma forma, composição individual e composição social, mas não pode ser sempre reduzida ao seu precipitado em personalidade ou ideologia, e, mesmo quando sofre essa redução, tem ainda de ser considerada ativa.” (WILLIANS, 1979, p. 210).

Assim sendo, o pesquisador em literatura, no cotejo com os aspectos históricos-sociais sugerido por Carvalhal (1991), deve, portanto, buscar indagar as produções literárias enquanto um fenômeno social e como elemento não passivo diante de tais aspectos, mas, que podem também questionar, problematizar, fazer leituras e releituras de cenários, sem aceitar abordagens reducionistas ao estético ou ao social como opostos que não se cruzam. Porém como proceder para se evitar na análise essa abordagem reducionista e colocar a literatura como fonte ativa e social?

Para apresentar uma resolução a essa questão, mas sobretudo apresentar caminho analítico a ser considerado diante de produções literárias de forte condicionamento social, é oportuno destacar e discutir algumas reflexões que, tendo como base a ideia de uma crítica estética da obra e o conceito de redução estrutural formulado pelo crítico brasileiro Antonio Candido, em alguns casos, englobam, complementam e solidificam o entendimento Willians (1979) e Carvalhal (1991) acerca da literatura e seu cotejo com os dados históricos sociais.

Assim, será exposto brevemente, o entendimento sobre essa questão que René Wellek e Austin Warren (2003) trouxeram no final da primeira metade do século XX; e, por conseguinte, a forma como o crítico brasileiro, Antonio Candido, parece articular, aprimorar e desenvolver as reflexões lançadas por esses autores ao longo da sua produção crítica; e, por último, apresentar nas considerações finais os principais argumentos para uma crítica estética da obra.

Ressalta-se que não se pretende esgotar ou mesmo aprofundar esta discussão, pois o objetivo não é propor uma abordagem teórica. O tema será abordado para enfatizar uma posição importante sobre o assunto, reforçar a proposição de uma vinculação entre literatura e sociedade/realidade e elucidar reflexões que podem ser utilizadas, no que tange apropriação temas sócio-históricos pela literatura.

2 LITERATURA E SOCIEDADE: POR UMA CRÍTICA ESTÉTICA

Em 1948, o austríaco, René Wellek e norte americano, Austin Warren (2003), desenvolveram uma importante reflexão acerca do cotejo literatura/sociedade, presente no livro *Teoria da Literatura e metodologia dos estudos literários* (primeira edição foi lançada nos Estados Unidos), a qual se considera preliminar para a questão abordada neste artigo. Ainda que de forma breve, em uma das partes do livro que é intitulada “uma abordagem extrínseca ao estudo da literatura”, fazem alguns apontamentos sobre essa relação literatura e sociedade:

A abordagem muito mais comum às relações entre literatura e sociedade é o estudo das obras de literatura como documentos sociais, como retratos presumidos da realidade social. [...]

Tais estudos, porém, parecem de pouco valor na medida em que têm como certo que a literatura é simplesmente um espelho da vida, uma reprodução e, assim, obviamente, um documento social. Tais estudos fazem sentido apenas

se conhecermos o método artístico do romancista estudado, e podemos dizer - não em termos gerais mais concretamente - qual a relação do retrato com a realidade social. (WELLEK; WARREN, 2003, p. 126-127).

Vê-se, que não obstante admitirem a presença das demandas da sociedade na literatura, os autores problematizam os estudos baseados unicamente no dado social, já que consideram que isso reduziria a obra literária a mera representação de circunstâncias sociais e históricas, desprezando o seu lado mais relevante, o dado estético. Consoante esse entendimento, o determinante social não é centro da teoria literária, ou seja, não se pode pautar a abordagem de qualquer literatura partindo desse pressuposto, sendo que “a literatura não é substituta para a sociologia ou para política. Ela tem a sua própria justificação e o seu próprio objetivo.” (WELLEK; WARREN, 2003, p. 137).

Observa-se que Wellek e Warren (2003) advertem para uma generalização na abordagem da literatura, no qual se busca em toda obra um forte alinhamento social, o que, em seus entendimentos, na maioria das vezes não ocorre. Em contrapartida, ressaltam que, ainda que seja irrelevante para a compreensão da obra, a dinâmica social está presente na literatura, tendo em vista que a obra literária se dá em um meio social, como se vê:

O caso clássico é o da comédia inglesa da era da Restauração. [...] Como toda literatura, essas peças não são simplesmente documentos; são peças com figuras de repertório, situações de repertório com casamentos teatrais e condições de acordos matrimoniais teatrais. [...] Ainda assim, a ênfase salutar na convenção e na tradição a ser encontrada em um escrito como o de Stoll, não pode descartar as relações entre a literatura e a sociedade. Mesmo a alegoria mais abstrusa, a pastoral mais irreal, a farsa mais escandalosa, conseguem, se adequadamente interrogada, dizer-nos algo sobre a sociedade de uma época. (WELLEK; WARREN, 2003, p. 128-129).

Deste modo, ainda que se possa abstrair da literatura demandas da sociedade, do “mundo real”, consoante essa leitura, não é plausível o entendimento simplista da obra literária unicamente como um espelho da vida, em que a sua consulta é feita para obter simplesmente peculiaridades de um momento histórico, ou mesmo tendências sociais de um determinado período, desprezando as características do método artístico e sem levar em consideração o estudo da relação do retrato presente na obra com a realidade social, pois só com esta atitude pode-se saber se “[...] É realista por intenção? Ou é, em certos

pontos, sátira, caricatura ou idealização romântica? [...] (WELLEK; WARREN, 2003, p. 127).

Nesse sentido, os críticos argumentam que, ao se propor uma abordagem em que se tenha por foco a relação literatura e sociedade, alguns cuidados devem ser tomados, e que somente com conhecimento prévio oriundo de outras fontes pode-se saber em que medida as demandas sociais são “reproduzidas” na literatura. Infere-se que Wellek e Warren (2003) buscam evidenciar certa peculiaridade à literatura, tendo em vista que sem o real conhecimento sobre determinado tema, uma situação social inclusa no enredo de uma obra literária que aparentemente remete-se a uma observação realista, pode na verdade ser fantasia ou mera expressão do desejo do autor.

Essa abordagem de Wellek e Warren (2003), ainda que reduzidas a um pequeno trecho da obra em tela, introduzem o entendimento das duas questões que aqui importam: para o como entender as obras, os autores criticam a análise da obra como “retrato social”, ou seja, como mera reprodução da sociedade, em que obras literárias não teriam uma dinâmica própria, por outro lado, para o como analisar os fatores sociais na literatura, o caminho seria o conhecimento ampliado da obra literária e da sociedade em questão.

Para além disso, essas reflexões levantadas pelos autores, além da similaridade, são o centro das discussões do professor, teórico, crítico de literatura, nascido no Rio de Janeiro, Antonio Candido, que se dedicou aos estudos da relação entre literatura e sociedade, com a publicação de livros, ensaios, artigos, participação em palestras, sempre apresentando o cerne do seu entendimento sobre a questão.

Candido colaborou e colabora para esse debate ao expor a sua compreensão acerca do jogo comparativo entre literatura e sociedade, mas, principalmente, por formular um entendimento de literatura que culmina com sua valorização enquanto arte e fenômeno social. A partir dos seus postulados, pode-se, portanto, somar e solidificar uma reflexão sobre como nortear um estudo de literatura em que se pautem também produções literárias de forte condicionamento social. Essas questões abrem inclusive o primeiro capítulo de uma das suas principais obras, *Literatura e Sociedade* de 1965, em que o crítico se posiciona sobre as bases do processo analítico defendido:

Hoje sabemos que a integridade da obra não permite adotar nenhuma dessas visões dissociadas; e que a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra em que tanto o velho ponto de vista que explicava pelos fatores externos, quanto o outro, norteado pela convicção de que a estrutura é virtualmente independente, se combinam como momentos necessários do processo interpretativo. Sabemos, ainda, que o externo (no caso o social) importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha um certo papel na constituição da estrutura, tornando-se, portanto, interno. (CANDIDO, 2014, p. 13-14).

Candido remete-se as visões antagônicas e polarizadas que, no seu entender, predominaram no século XIX, mas que deveriam ser entendidas como ultrapassadas ao se considerar as relações entre literatura e sociedade. Defende que na análise literária os fatores externos (aspectos sociais que a envolvem) devem ser encarados como constituintes de significado no plano interno ou estrutural da obra, portanto, tornando-se também interno.

Nesse processo a literatura relaciona-se com os fatores externos de forma ativa, mesmo sendo arte, não deixa de ser arte social, pois, “Neste nível de análise, em que a estrutura constitui o ponto de referência, as divisões pouco importam, pois tudo se transforma, para o crítico, em fermento orgânico de que resultou a diversidade coesa do todo.” (CANDIDO, 2014, p. 17). Assim, para além de se posicionar contrariamente à desvinculação dos fatores externos e internos à obra literária, Candido (2014) propõe caminhos a seguir e formas de interpretação e compreensão no cotejo de literatura e sociedade pertinentes ao pesquisador em literatura.

Em outro texto, por exemplo, o ensaio *De Cortiço a Cortiço* elaborado ainda nos anos de 1970 e publicado pela revista *Novos Estudos* em 1991, observa-se, mais uma vez, estes termos, em que o crítico brasileiro se preocupa com certa dicotomia ou raciocínio paralelístico da literatura, pois “se era para fazer igual, por que não deixar a realidade em paz?” (CANDIDO, 1991, p. 111). O autor reforça o seu caminho rumo a uma análise crítica da obra literária, afirmando que:

Mas nós sabemos que, embora filha do mundo, a obra é um mundo, e que convém antes de tudo pesquisar nela mesma as razões que a sustentam como tal. A sua *razão* é a disposição dos núcleos de significado, formando uma combinação *sui generis*, que se for determinada pela análise pode ser traduzida num enunciado exemplar. Este procura indicar a fórmula segundo a qual a realidade do mundo ou do espírito foi reordenada, transformada, desfigurada ou até posta de lado, para dar nascimento ao outro mundo. (CANDIDO, 1991, p. 111-112).

Assim, do mesmo modo que a obra é produto da sociedade, ou seja, nasce das demandas sociais diversas, quando se configura em arte literária, ela mesma é um mundo, um novo mundo, um fenômeno social. Objetivando sistematizar, sintetizar o seu entendimento sobre o jogo literário frente as demandas sociais, ou do como compreender o dado real dentro do terreno literário, Candido (1970) formula o conceito de “redução estrutural”, que garante a visualização e aplicação prática na análise crítica da literatura.

A referida noção aparece inicialmente em um pequeno trecho do ensaio intitulado *Dialética da Malandragem*, publicado em 1970 na Revista do *Instituto de Estudos Brasileiros*, em que Candido afirma que para a análise literária, o interessante “[...] é saber, neste caso, qual a função exercida pela realidade social historicamente localizada para constituir a estrutura da obra -, isto é, um fenômeno que se poderia chamar de formalização ou redução estrutural dos dados externos.” (CANDIDO, 1970, p. 74).

Nessa referência a “redução estrutural”, observa-se, mais uma vez, os caminhos que a arte literária percorre até a sua na constituição ou materialização em um “mundo novo”. Busca-se perceber os temas presentes que notabilizam o conteúdo e como esses passam a integrar a forma literária, não mais vistos como um mundo à parte, mas na função que passaram a adquirir na literatura, no mundo novo que nasce.

Apesar da pequena menção, o conjunto da reflexão neste ensaio em que Candido (1970) analisa a obra literária *Memórias de um sargento de milícias*, de Manuel Antônio de Almeida, parece propor uma saída para visão polarizada e estanque da análise literária. Essa questão fica visível em outro trecho deste ensaio, em que o crítico reflete sobre a visão puramente documentária da literatura, como se percebe:

Mas aí o documento não existe em si, [...] é parte constitutiva da ação, de maneira que nunca parece que o autor esteja informando ou desviando a nossa atenção para um traço da sociedade. [...]

A força de convicção do livro depende pois essencialmente de certos pressupostos de fatura, que ordenam a camada superficial dos dados. Estes precisam ser encarados como elementos de composição, não como informes proporcionados pelo autor, pois neste caso estaríamos reduzindo o romance a uma série de quadros descritivos dos costumes do tempo. (CANDIDO, 1970, p. 75).

Assim, o entendimento do processo analítico enfatizado pelo crítico brasileiro procura, preliminarmente, assim como Wellek e Warren (2003), evitar e refutar a

sobreposição do social sobre o estético na abordagem literária, afastar antagonismos, sem negar o cunho social da literatura. Somando-se a isto, Candido (1970) preocupa-se, sobretudo, em sistematizar o seu entendimento para evitar contradições na sua interpretação através do jogo dialógico em que ocorre a “formalização” dos fatores externos no plano interno da obra.

Para embasar estes apontamentos e relacionar a aplicabilidade da redução estrutural ao desenvolvimento da análise literária, nada melhor que citar trechos em que o autor explica esse processo, na entrevista concedida a Luiz Carlos Jackson, estudioso da sua obra, em 30/9/1996, presente no livro *A Tradição esquecida: Os parceiros do Rio Bonito e a sociologia de Antônio Cândido*, em que é indagado sobre a relação entre literatura e sociedade:

[...] O escritor toma os dados da realidade, submete-os à fantasia e produz algo que, apesar de muito parecido com a realidade, é outra coisa. O que me interessa não é tanto a relação do texto com a sociedade, é a transformação da sociedade em texto, devido ao processo de “**redução estrutural**”. Fazendo uma comparação primária, me interessa averiguar de que maneira o autor mói a realidade, que sai transformada, assim como a carne de boi é posta na máquina de moer e acaba croquete. Croquete não é boi, é uma coisa nova, que obviamente provém da realidade, mas difere dela. Na realidade não existe croquete, existe carne de boi. Num estudo de economia eu falo da carne de boi, indico seu preço, avalio seu peso; mas se estou fazendo literatura produzo um croquete. Esta “**redução estrutural**” faz com que a literatura parta da realidade e seja autônoma, independente em relação a ela. [...] (CANDIDO, 2002, p. 170, grifo nosso).

Nesse trecho, assim como em outros do mesmo livro, em que o autor remete a esse processo de “redução estrutural”, abstrai-se alguns pontos básicos que reiteram, ratificam, pontuam seu estudo e seu entendimento sobre o fenômeno literário. O primeiro deles é o alerta sobre o tratamento a ser dado à literatura, tendo em vista que, mesmo que o escritor use e parta da realidade, o produto, a obra literária, será algo diferente e novo (como já dito, um mundo novo), tendo em vista que aquela, na passagem para a estrutura literária é transformada, deformada, transfigurada.

O segundo ponto a se ressaltar e que surge como consequência do anterior é a autonomia, a independência da obra literária em relação ao considerado real, ou mesmo ao relato oficial, pois, no entendimento de Candido, a realidade é “múltipla”, ao passo que a literatura a reduz a um certo grau de simplicidade. Consoante a isso, a análise literária deve perseguir não o que obra literária traz da sociedade, mas, que reflexões

podem ser feitas a partir da leitura das dinâmicas sociais operando e produzindo sentido próprio a/na literatura.

Assim, a arte literária de forte condicionamento social, pode ser tida como um ponto de vista de uma realidade complexa, que para adquirir uma coerência interna percorre os caminhos próprios da estética literária. Nesse sentido, vale enfatizar outros pontos importantes que reforçam e adicionam elementos para essa ideia do processo de “redução estrutural” sugerido por Candido nas entrevistas a Jackson.

Como se percebe, em todas as referências explicativas sobre o tema, o crítico brasileiro busca solidificar os termos que constituem a base de um processo de análise e interpretação da literatura, de uma saída para a questão da crítica literária, do como buscar sentido diante do processo em que se reduz a realidade a texto. Nessa perspectiva, em outro trecho da sua primeira entrevista a Luiz Carlos Jackson, em 6/6/1996, fala:

Entre as minhas preocupações, ligadas certamente a minha formação sociológica, está o problema da obra com o meio social e com a cultura. Sempre me chamou atenção o fato de que tanto sociólogos quanto críticos, quando chegam neste campo, fazem o que chamo de raciocínio paralelístico: apresentam a sociedade de um lado, apresentam a obra de outro, e mostram como uma reflete a outra. [...] Portanto, o meu esforço desde o começo foi saber como é que o meio social e os traços que caracterizam a sociedade se manifestam na obra não como tema, mas como fatura; de que modo aquilo que está na sociedade se torna uma coisa totalmente diferente, que é o texto literário[...]. (CANDIDO, 2002, p. 127).

O autor ratifica a crítica ao enfoque literário em que se observa os vários aspectos sociais na obra (dados da realidade) apenas como marcas descritoras de um período, de um autor, da correlação com aspectos do real, ou mesmo quando se remete a tais dados na tentativa sintetizar informações sobre determinada sociedade, momento, gosto, ambiente, enfim, todos os estudos que desvinculam estes dados de uma interpretação orgânica da obra.

Nessa perspectiva alerta que o considerado capital e/ou secundário em literatura e sociedade pode variar consoante a perspectiva adotada, os questionamentos feitos e apontamentos realizados acerca de determinada produção literária, pois, “Ora, tais aspectos são capitais para o historiador e o sociólogo, mas podem ser secundários e mesmo inúteis para o crítico, interessado em interpretar, se não for considerado segundo a função que exercem na economia interna da obra[...].” (CANDIDO, 2014, p. 21).

Assim, ao estar presente na concepção literária, o condicionamento social nem sempre vai ser fator decisivo para a interpretação da obra literária. Ele pode ser, inclusive irrelevante, quando não estiver entrelaçado com outros elementos na/para a construção do plano estético da obra.

Outra observação pertinente nos postulados de Candido é o sentido próprio e profundo remetido ao termo estética, pois, “Só compreendo a crítica de uma obra quando ela é (como se dizia no meu tempo) realmente estética.” (CANDIDO, 2002, p. 127). Nessa “crítica estética” defendida pelo autor, não se observa (somente) o “belo”, a organização e composição interna da obra, a escrita, mas se leva em consideração que no processo em que as demandas da sociedade são requeridas no plano interno da obra, tornam-se também objeto estético na/para literatura, pois, só assim, “saímos dos aspectos periféricos da sociologia, ou da história sociologicamente orientada, para chegar a uma interpretação estética que assimilou a dimensão social como fator de arte. (CANDIDO, 2014, p. 17).

Nessa perspectiva, a obra é vista como um todo coeso, em que todos os fatores corroboram organicamente para sua formação, não há separações, dicotomias ou antagonismos, não há o estético e o social, mas apenas elementos dispostos com menor ou maior grau de relevância dentro de uma crítica estética, pois, “[...] O elemento social se torna um dos muitos que interferem na economia do livro, ao lado dos psicológicos, religiosos, linguísticos e outros. (CANDIDO, 2014, p. 17).

Esse mesmo entendimento pode ser visto no ensaio *De Cortiço a Cortiço*, em que o crítico brasileiro ressalta os dois extremos da análise literária, o primeiro que encara a obra “como duplicação da realidade” e o segundo “como objeto manufaturado com arbítrio soberano”, e afirma que “Ver criticamente a obra é escolher um dos momentos deste processo como plataforma de observação.” (CANDIDO, 1991, p. 12).

Ao se posicionar sobre a questão, Candido coloca que “talvez o segundo seja apesar de tudo mais favorável à análise literária”, ou seja, o que ver a obra “como objeto manufaturado com arbítrio soberano”, mas longe de simplesmente aderir a esse extremo, o crítico brasileiro logo explica sua saída que, apesar de se valer dele (o segundo extremo), com ele, no entanto, não se confunde, pois, “[...] seria melhor a visão que pudesse rastrear na obra o mundo como material, para surpreender no processo vivo

da montagem a singularidade da fórmula segundo a qual é transformado no mundo novo, que dá a ilusão de bastar a si mesmo.” (CANDIDO, 1991, p. 12).

Nota-se que, apesar de não se referir diretamente “a abordagem estética”, Candido (1991) já evidenciava as bases da sua compreensão que, consciente dos dois extremos, entende que é a partir da literatura que se deve balizar qualquer análise crítica e não nega a presença do “mundo material” na literatura, mas o convoca para o interior do jogo literário enquanto condição para análise da arte, já que nessa acepção, ou melhor, somente nesta acepção, ocorre o processo de redução estrutural e tem-se uma “crítica estética” da obra (que também é reivindicada como “crítica interna da obra”) que, sem antagonismos, chama o real, o social, o histórico para sua estrutura sem admitir refleti-los; e o contexto, longe de ser descartado, é reivindicado, pois “[...] só a podemos entender fundindo texto e contexto numa interpretação dialeticamente íntegra[...].” (CANDIDO, 2014, p. 13).

Portanto, mesmo considerando o social intrínseco, o crítico, analogamente ao entendimento do Wellek e Warren (2003), considera sua abordagem em diferentes vieses, sendo que: a dimensão social pode ter contribuído em menor grau, sendo dispensável para o jogo interpretativo e, por outro lado, pode ser fator indispensável e decisivo, com interferência direta para sua leitura e compreensão. Nesse entendimento, por mais que “a literatura como fenômeno de civilização, depende, para se caracterizar, do entrelaçamento de vários fatores sociais” (CANDIDO, 2014, p. 21), estes não necessariamente colaboram de forma decisiva para seu jogo interpretativo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante da breve reflexão acerca do cotejo entre literatura e sociedade, cumprindo o objetivo de demonstrar um caminho analítico a ser considerado diante de produções literárias de forte condicionamento social, sobretudo a ideia de uma crítica estética da obra sugerida por Antonio Candido, cabe aqui, para finalizar (por hora), tecer alguns comentários que ratificam a relevância desse postulado, no sentido de romper com os muros das discussões dicotômicas que figuram/figuraram na análise literaturaXsociedade.

Primeiramente, consoante a explanação feita, observou-se que as obras literárias não podem ser entendidas nem como um retrato de um dado cenário histórico-social, nem descontextualizadas de uma análise de aspectos que motivaram sua produção e a sua inserção em certa ordem social e coletiva. É necessária atenção ao seu contexto e especificidades de se sua origem, sob pena de proporcionar uma leitura tangencial e vazia.

Assim, os diferentes aspectos presentes em obras literárias que trazem como tema um determinado evento, circunstância ou problema social, não podem ser indagados como mera reprodução de relatos, ou uma descrição, porém, em conformidade com o crítico brasileiro Candido, admitindo e indagando o sentido que passam a adquirir quando vistos no plano interno das produções literárias.

Pois elas são ao mesmo tempo independentes e autônomas em relação a história oficial ou em relação ao que se considera realidade, apresentando, por vezes, um ponto de vista por meio da estética literária. Nesse sentido, quanto mais forte for o seu condicionamento social, mas visível será o processo de “redução estrutural” que transforma a realidade em texto, que concebe um mundo novo, a literatura.

Assim sendo, nesse processo que envolve a atividade literária e que concebe uma crítica estética da obra, é equívoco sob égide da literatura indagar produções literárias simplesmente com intuito de comprovação de uma ocorrência específica. Não se pode invocar um tema unicamente, como questão extraída do cenário sócio-histórico, mas, problematizá-lo, na sua ação no enredo e indagar a sua contribuição para a construção da mensagem da obra literária.

De outro lado, ao se questionar temas e problemáticas nas obras literárias, é indiscutível que o conhecimento conceitual e histórico das demandas requeridas na estrutura literária, configura-se como uma ferramenta importante para análise, mas sempre se atendo a observação da sua redução e transformação no plano estético, da consolidação dos significados que passaram a desempenhar na constituição da obra literária.

O contexto deve ser requerido para propiciar o movimento interpretativo, o como determinada narrativa busca apresentar uma visão, uma mensagem, não com fins documentários, mas para oportunizar a literatura também como fonte ativa, um lugar em

que determinado tema pode se fazer presente diante da capacidade literária de longevidade.

Em suma, na e a partir da abordagem dos estudiosos da literatura mencionados, especialmente Candido, propõem-se então, as principais noções sobre o estudo da literatura, em que se considera dois aspectos principais: a literatura, por um lado, reivindica sua autonomia frente ao documento histórico, ou seja, o que ela diz ou propaga, não pode ser entendido simplesmente como prova do que foi; por outro, pode-se inferir em produções literárias de forte condicionamento social, um ponto de vista sobre determinada circunstância ou ocorrência social, que não propõe dar conta da multiplicidade de fatores e aspectos que os envolvem, mas que se apresenta como uma das possibilidades de leitura, de análise, de recordação, e sendo devidamente confrontadas pode-se analisar e inferir os rumos e as peculiaridades que um fazer literário adquiriu.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CARVALHAL, Tânia Franco. Literatura Comparada: a estratégia interdisciplinar. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Niterói, nº 1, p. 9-21, 1991.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. 13ª ed., Rio de Janeiro: Ouro Sobre Azul, 2014.

CANDIDO, Antonio. Dialética da malandragem: caracterização das Memórias de um sargento de milícias. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, n. 8, São Paulo, USP, 1970, p. 67-89.

CANDIDO, Antonio. De cortiço a cortiço. **Novos Estudos**. CEBRAP, nº 30, p.111-129, julho de 1991.

CANDIDO, Antonio. [Entrevista cedida a] Luiz Carlos Jackson. *In*: JACKSON, Luiz Carlos. **A tradição esquecida**: Os parceiros do rio Bonito e a Sociologia de Antonio Candido. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2002. p. 126-127.

WELLEK, René; WARREN, Austin. **Teoria da literatura e metodologia dos estudos literários**. Trad. Luis Carlos Borges. São Paulo, Martins Fontes, 2003.

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura**. Trad. Waltensir Dutra. Rio de Janeiro: Zahar, 1979.

Recebido: 30/9/2022. Aceito: 15/12/2022. Publicado: 1/1/2023.

Autor:

José Valtemir Ferreira da Silva

Doutorando em Letras (PPGL/UFPA), mestre em Linguagens e Saberes na Amazônia (PPLSA/UFPA), graduado em Letras (UFPA/Altamira), Técnico-administrativo da UFPA/Campus de Altamira, Pará, Brasil.

E-mail: valtemir@ufpa.br